



## DA RESERVA INDÍGENA PARA A CIDADE : MIGRAÇÃO INTERNA E DINÂMICA CULTURAL DE JOVENS DAS PRIMEIRAS NAÇÕES NO QUEBEC (CANADA) - *INNUS, ATIKAMEKW E ALGONQUINS*

GIRARD, Camil - Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)

CÔTÉ, Serge - Université du Québec à Rimouski (UQAR)

LEBLANC, Patrice - Université du Québec Abitibi-Témiscamingue (UQAT)

KURTNESS, Jacques - Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)

### Resumo

A artigo apresenta reflexões teóricas sobre as relações entre a cultura e a dinâmica intercultural no processo de construção identitária. Os autores abordam a questão da migração interna de jovens autóctones no Québec a partir de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, utilizando a técnica da história de vida com aproximadamente trinta jovens das nações *Innus, Attikamekw e Algonquins*. A construção identitária dos jovens está ligada as relações entre os territórios e a mobilidade. Esses jovens buscam construir sua identidade a partir de uma modernidade que eles assumem e desejam, mas também em um contexto de afirmação, de tensão e de ambivalência particularmente ligados a sua cultura de origem. A situação desses jovens pode ser caracterizada como um “novo nomadismo” que coloca em jogo o ir e vir entre os territórios de origem e de chegada, entre os valores da comunidade de origem e da sociedade acolhedora, entre a língua materna e a língua majoritária.

### Introdução

Este artigo trata da migração interna e o processo de construção da identidade dos jovens autóctones da província de Québec. Muitas vezes divididos entre sua cultura nativa e a cultura quebequense (de origem europeia) e entre os valores tradicionais e modernos, as referências que os jovens indígenas adquirem com a experiência da mobilidade desafiam as realizações no meio de origem e, em particular, a vida na reserva indígena. Nesta busca pela identidade, tanto individual quanto coletiva, a afirmação dos povos autóctones é baseada em uma certa (re)apropriação das terras ancestrais e a gestão, por parte dos governos autóctones, do destino das populações envolvidas que vivenciam, atualmente, mudanças importantes.

A este respeito, as negociações políticas que conduziram à assinatura da « *Approche Commune* » em 31 de março de 2004 podem não ter suficientemente levado em conta o que os jovens têm a dizer sobre o futuro dos povos autóctones no



Québec. A partir das relações estabelecidas com o território, com base nos processos da colonização e globalização, a juventude autóctone do Quebec busca sair da reserva indígena com o intuito de construir uma crítica sobre a mesma e, acima de tudo, com o interesse de reinventar os territórios tradicionais e, especialmente, para descobrir o seu lugar nas cidades onde eles reivindicam um reconhecimento para os povos autóctones.

Na província de Quebec<sup>1</sup>, mas também em outras sociedades, essa construção identitária está alinhavada no interior de um processo de afirmação dos povos autóctones em oposição às políticas de extinção desenvolvidas pelos governos como a Lei dos Índios (1876), a perda dos direitos fundamentais, a criação de reservas, a tutela federal, os internatos e a pobreza sistêmica (Comissão Real sobre os povos autóctones do Canadá, 1995; GILL, 1995).

A análise aqui apresentada é uma extensão das investigações conduzidas pelo grupo de pesquisa sobre a migração de jovens no Québec<sup>2</sup>. Refletir sobre o problema da migração nas sociedades contemporâneas, incluindo os povos autóctones, levou a questionamentos sobre a construção identitária em contextos com dinâmicas interculturais. (Comissão Real sobre Povos autóctones do Canadá de 1995, Vol. 4, Capítulo 7 - migração e urbanização; GIRARD e NTETU, 2006 e 2009; GIRARD, 1997b, GIRARD, GARNEAU e FRECHETTE 2004; questões interculturais: GIRARD e GAGNE, 1995; GIRARD, 1997a; TUERGEON, DELAGE e OUELLET 1996; ESPANGNE, WERNER, 1988). Após salientar alguns pontos teóricos sobre a relação da cultura e da dinâmica intercultural no processo de construção da identidade, buscou-se apresentar um retrato da mobilidade de jovens autóctones no Québec. A análise baseou-se em entrevistas com trinta jovens *Innus*, *Atikamekw* e *Algonquin* (abordagem qualitativa) e uma sondagem com uma centena de jovens das mesmas nações (abordagem quantitativa) a partir de um questionário que também foi enviado para os jovens quebequenses.

<sup>1</sup> Após 1985, o governo da província de Québec reconheceu oficialmente o status das Primeiras Nações e dos Inuits em seu território. A Constituição do Canadá reconheceu em 1982 os povos autóctones no território canadense.

<sup>2</sup> A pesquisa foi desenvolvida pelo grupo de pesquisa sobre a migração de jovens (GRMJ), sob a coordenação de Madeleine Gauthier. A pesquisa envolveu pesquisadores da rede de professores da Universidade do Québec, da Universidade de Sherbrooke e da Universidade de Ottawa.



## **Cultura e Identidade: Povos Autóctones e dinâmica cultural**

A cultura - ou o conjunto dos fatos da civilização – só pode ser delimitada em virtude de características específicas e presentes em cada grupo humano (GIRARD, 1997b; RETSCHTZKI, 1989; SELIM, 1986; KURTNESS, 1983). Desde tenra idade, cada indivíduo aprende elementos culturais (língua, religião, estilo de vida, etc.) que o associam com o grupo. O indivíduo absorve então um conjunto de elementos que lhe permitirão se inserir em uma determinada comunidade cultural. Ao adotar um modo de ser, os sujeitos vivenciam uma aprendizagem específica à sua condição humana e à cultura onde eles constroem uma espécie de identidade em um ambiente com diversas influências (AKAOUN e ANSART, 1999: cultura, p 125 ss ;. identidade, 263-264 BONTE e IZARD, 1991, 188 ss ;. BOAZ, 116 ss).

As relações interculturais que cada cultura vive em um quadro mais ou menos aberto, pode levar, eventualmente, a um fenômeno de aculturação e desterritorialização das identidades e do pertencimento, especialmente quando uma cultura majoritária se impõe. A aculturação tem primeiro uma dimensão de restrição: a do domínio de uma cultura sobre a outra. No entanto, se este conceito carrega uma abertura desigual entre culturas, é também um processo de trocas e transferências complexas que marcam as culturas, mesmo aquelas que afirmam ter "conquistado ou descoberto" os povos autóctones das Américas (GIRARD e GAGNE, 1995; TODOROV, 1982; AXTELL, 1982). Neste contexto, quando o volume de empréstimos e o ritmo de inovações são acentuadas, parece, portanto, alterar profundamente as sociedades de origem. Nesse sentido, podemos definir a aculturação como o conjunto de fenômenos resultantes do contato direto e permanente entre grupos de indivíduos de culturas diferentes com mudanças subsequentes na cultura de um e do outro grupo (Clapier-Valladon e Mannoni, 1991, p 541 ;. Selim, 1986, p. 99). Assim, a aculturação aparece, seja como uma sobreposição de elementos culturais que são integrados, seja como uma desapropriação; ela se increve mais como um fator de assimilação de elementos estranhos a sua cultura que como uma ruptura real. "(GIRARD, 1997a; GIRARD, 1997b; MAFFESOLI, 1997).



As culturas autóctones, assim como outras culturas, são influenciadas por miscigenações e processos de transferência culturais (CLAPIER-VALLADON e MANNONI, 1991). Face as inovações e progressos que se multiplicam a um ritmo mais rápido, as culturas perdem o seu sistema de referência e acabam por não assimilar as mudanças. Este fenômeno, que chamaremos a exemplo do especialista Jean Poirier (1991) de "desculturação" afeta profundamente, mas, desigualmente as sociedades, especialmente algumas culturas, incluindo aquelas dos povos autóctones. Nesta perspectiva, os indivíduos e os grupos são chamados a construir a sua identidade nas relações ligadas com a cultura original e nas estreitas relações com outras culturas (interculturalidade), buscando se voltar para a sua cultura ou integrar novos elementos a ela (GIRARD, 1997b). Esse fato ocorre, especialmente, no caso da migração interna, que promove um distanciamento do ambiente de origem dos jovens migrantes, mas igualmente uma reflexão sobre a sua identidade e sua cultura de origem.

Enquanto a ideologia da globalização parece ser convidativa a se integrar a todo custo nas sociedades contemporâneas, a integração cidadã não se pode fazer em detrimento de um questionamento profundo das culturas e suas relações dinâmicas - intra, inter ou trans - culturais. No entanto, muitas vezes é difícil para um indivíduo que se identifica como um povo minoritário e excluído, encontrar espaço para uma afirmação positiva de sua identidade a partir de uma primeira cultura pouco reconhecida no espaço público (EVENO, 2003; ROY, 2002; DAROU, KURTNESS e HUM, 2000; GIRARD, 1997b; COLLIN, 1994; ROY, 1993; LAROSE, 1989; BARTOLOMÉ, 2006; LARTIGUE e QUESNEL, 2003; YANES, 2006).

Na busca pela identidade individual e coletiva e ancorada nas crises da adolescência e juventude, que também assolam os jovens adultos das Primeiras Nações do Québec ou de outros lugares, o reconhecimento e a afirmação dos povos autóctones se confrontam com uma construção de identidade perpassadas pela marginalidade e exclusão, fenômeno este que pede mais estudos sobre a juventude em culturas minoritárias (ERIKSON, 1972; MARCIA, 1966, JACCOUD, 1995; XIBERRAS, 1993; CASTEL, 1994; PARAZELLI, 2002; Pérez Islas et Valdez González, 2003 et 2004; Brandt, 2010).



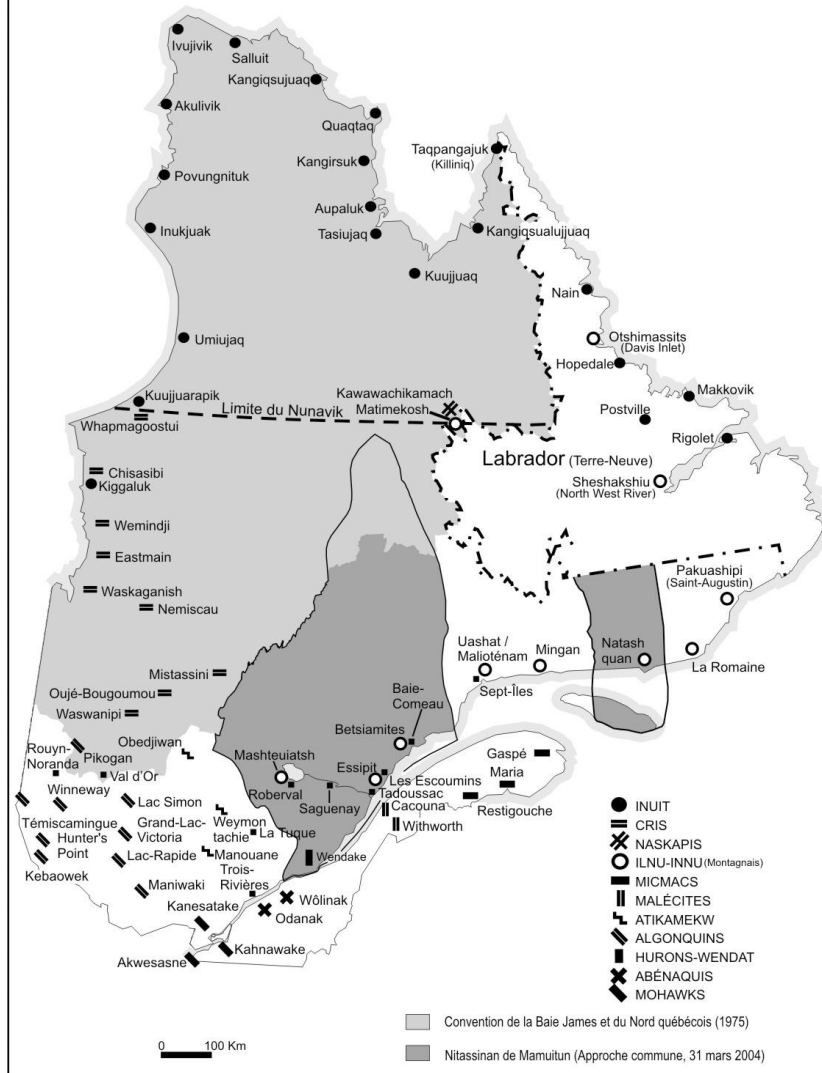
Esta pesquisa sobre a migração juvenil oferece uma oportunidade para examinar a construção identitária em torno da mobilidade e a relação com os territórios, especialmente a partir de grupos culturais marginais. Através dos deslocamentos, migrações e dos retornos que esses jovens efetivam, eles tentam seguir os passos de seus antepassados que percorriam vastas áreas e se deslocavam em distâncias impressionantes. Esses jovens tem em mente que seu projeto de vida acontece na cidade, onde tudo está a se reconstruir, longe do seu ambiente de origem.

Assim, podemos falar de um novo nomadismo a partir do momento que consideramos que esses jovens autóctones estão vivenciando « novas » mobilidades, quer em cidades próximas ou em metrópoles mais distantes. Nesses espaços, por sua vez, eles descobrem várias áreas e ambientes residenciais, novas configurações nas relações de amizade e família e diversificadas circunstâncias na aquisição de habilidades diferenciadas para a prática de uma atividade profissional.





## Nations autochtones Québec-Labrador



Carl Brisson, G.R.H., UQAC, 2007

### **Mobilidade, atração para o meio de acolhimento, mas apego ao meio de origem: algumas reflexões sobre a construção da identidade a partir de dados qualitativos**

O componente qualitativo<sup>3</sup> aqui apresentado permite identificar certas características sobre a juventude das Primeiras Nações. As observações realizadas

<sup>3</sup> A abordagem qualitativa foi realizada a partir de entrevistas semi-digiridas realizadas com jovens das Primeiras Nações. As entrevistas foram realizadas em 2001 e 2002 com 44 jovens de origem autóctone com idade entre 18 e 34 anos. Um pouco mais da metade desses jovens viviam na comunidade de origem com a idade de 15 anos e outros viviam em cidade próximas da sua comunidade, como La



permitem contextualizar e esclarecer como os jovens autóctones têm características distintas, mesmo se eles fazem parte dos movimentos típicos de outros jovens quebequenses e que participaram de nossas pesquisas anteriores. Essas características em geral são marcadas pela autoafirmação, proximidade e distância do meio de origem, bem como valores relacionados a educação, trabalho e família.

Os jovens autóctones geralmente deixam suas comunidades de origem para prosseguir os estudos ou trabalhar (COUSINEAU-MOLLEN, 2001; CROTEAU, 1991). Todos acreditam que a educação é um meio para se realizar. Muitos também veem no seu desempenho acadêmico um orgulho para toda a família. A este respeito, as mulheres parecem mais determinadas do que os homens para completar seus projetos de estudos. A partida coincide com o desejo de se distanciar do meio de origem e voltar sob certas condições. Esta é uma oportunidade para os jovens de manter uma distância de sua família imediata, mas também de um ambiente percebido por eles como limitativo.

No entanto, se a partida é percebida como necessária, a integração no meio de acolhimento não é fácil. Deixar a reserva indígena ou uma pequena cidade para viver em uma cidade grande é quase como viver em um país estrangeiro:

É como se você está deixando um país que você conhece para ir a um país estrangeiro. É a mesma coisa, são dois mundos ... (INN-07, homem, 31 anos, estudante, Mestrado)

Eu queria sobretudo partir de [cidade pequena], então me mudei para Hull no final do verão, lá eu frequentei o Cégep durante toda a sessão de outono. Então eu me mudei para um pequeno quarto [...] Quando você vem de Abitibi e você vem para uma cidade assim, onde os carros andam rápido, há pessoas em todos os lugares, eu não estava realmente preparada para isso. (ALG-02, mulher, 28, trabalhadora, faculdade)

---

Tuque, Sept-îles ou Val-d'Or. Entre os jovens entrevistados 13 se identificaram como pertencentes a nação Atikamekw (ATT), 9 à nação innue (INN) e 11 à nação algonquine (ALG); 15 jovens eram do sexo masculino e 18 do sexo feminino.



No meio de acolhimento, as necessidades são muitas vezes mais prementes para as jovens mães. O auxílio de amigos ajuda a solucionar alguns problemas e contratempos. No entanto, é em torno de vários organismos que as mulheres encontram maneiras de sobreviver. Os centros de amizade autóctones e as creches são os locais preferidos pelas jovens mães autóctones que vivem um estresse considerável. A busca de pequenos empregos remunerados permite preencher um orçamento familiar frequentemente insuficiente.

Sim, eu me meti (sic) em organizações autóctones lá [em Montreal]. Como Insights Land [...] É uma empresa que eu poderia dizer autóctone, mas não há muito lá, mas ... [...] sim, eu ia no Centro de Amizade também. Eu fazia parte do comitês de jovens de lá. (ALG-05, mulher, 23, trabalhadora, secundário)

Quando partem, os jovens descobrem suas limitações, mas também o seu potencial. Nessa perspectiva, os jovens migrantes de todas as culturas se parecem. Eles se descobrem longe de seu meio de origem. O fato de serem deixados por si mesmos em um novo ambiente permite a cada um descobrir os seus limites, mas também as forças que até então ignoravam. Por isso, a experiência de partida é considerada como positiva.

Eu descobri dentro de mim que eu era alguém que se vira sozinho. Se eu tivesse (sic) ficado na [nome reserva], com certeza lá, eu não sei o que eu teria me tornado se eu tivesse (sic) ficado lá. Aqui eu me descobri, o mundo me descobriu. [...] Quando voltei para lá [meio de origem], eu trabalhei lá, as pessoas começaram me conhecer. (ATT-05, homem, 23, trabalhador, Cégep)

Os jovens têm uma visão bastante crítica de suas comunidades de origem, descobrindo, uma vez que partiram, que seu ambiente de vida lhes faz falta. Com a chegada dos filhos, as possibilidades de retorno são consideradas. A lembrança dos tempos e lugares onde toda a família se encontrava contribui a reconstruir uma imagem mais positiva do meio de origem. O retorno pode ser assim considerado.

Com certeza eu gostaria de trabalhar para os autóctones, fazer algo para as crianças. Eu não sei, mostrar o que é a cultura, não há





bastante coisas que vemos para as crianças, como a minha. A minha está chegando. Me faz falta os *makushan* (N.A refeições e festa tradicionais) [...] Não é por aqui que eu acho que eu vou encontrar ... (ATT-02, mulher, 21, trabalhadora, Cegép).

Para outros, a partida é difícil de assumir. À medida que envelhecem, que a família é criada e a inserção profissional é realizada fora da comunidade, algumas constatações são percebidas pelos jovens adultos e que os entristecem.

É uma parte de mim que eu tinha deixado lá. Mas hoje, eu mantenho isso como belas memórias. Vou levar isso pelo lado positivo. Tenho saudades ... sim, eu tenho saudades. Quando eu vou lá, eu faço o possível para ver toda a turma antes de partir ... (ATT-13, 33 homem, trabalhador, universidade)

Em última análise, se a partida é um desejo de melhorar a sua condição de vida através da educação, do trabalho e do contato com seus pares, ela continua a ser um choque cultural experimentado pelos jovens autóctones. Este choque incentiva os jovens a questionarem os valores de sua cultura de origem, tendo um olhar crítico sobre a cultura do meio acolhedor.

## **O meio de origem da juventude autóctone e a dinâmica de construção da identidade**

Na família autóctone, os parentes, em particular os avós, desempenham um papel importante. Os jovens adultos entrevistados falaram mais das relações que tiveram com os avós do que com seus pais em seu meio de origem. Os avós estão envolvidos na educação dos jovens, pelo menos durante a infância. Os parentes, tais como pais, avós, irmãos, irmãs, tios, tias e primos, constituem o núcleo de laços comunitários da juventude autóctone.

Para nós, era mais comunidade ... com os meus irmãos e irmãs. Nós jogávamos mais juntos e com outras crianças também da comunidade, especialmente no verão, quando voltávamos depois da escola. (N.A: Os jovens Kitcisakik frequentam a escola em Val-d'Or, onde permanecem em casas durante o ano letivo). (ALG-10, mulher, 29 anos, estudante, Cégep)

Algumas questões foram levantadas em relação à escassez das casas e uma certa falta de privacidade.



Eu ficava com a minha avó. Do nosso lado, havia dois dos meus tios. Na nossa frente, tinha uma tia. [...] Na aldeia, ficávamos muito próximos, bem perto ... Na minha avó, haviam duas tias minhas que ficavam lá, era muito apertado. Nós éramos muito próximos, o que estava acontecendo em uma casa também acontecia em outra, porque nós ficávamos o tempo todo andando de um lugar para o outro. (DCI-04, mulher, 23, trabalhadora, secundário)

Nós às vezes reclamamos que no meio de origem, não há "nada para fazer". No entanto, a maioria dos interlocutores afirmaram que têm sua rede de amigos autóctones.

Algumas atividades organizadas localmente tem o objetivo de recuperar os elementos de sua cultura tradicional. As memórias mais vívidas tem relação com o *makushan* (festas e refeições tradicionais), com as danças, as orações, os ritos de passagem para a qual os membros da comunidade estão associados. Outras atividades, como Jogos Autóctones que reúnem jovens de diferentes nações autóctones são vistos como tempo privilegiado para expandir as redes de amizade autóctones.

Isso, os Jogos, isso começou em 90. [...] É de comunidades de todo o lado, é um evento. [...] É os Jogos do Québec para os jovens. Tínhamos mil jovens que chegaram em Pointe-Bleue, o que faz que com isso, tu conhecia gente, tu fazia amigos, todas as noites haviam festas. Ah! Foi especial! Agora, faz dois anos que não há mais e estou bem desapontado. (INN-04, mulher, 23, trabalhadora, secundário).

Mesmo que os jovens pouco frequentam o território ancestral, eles sentem que estes territórios permitem perpetuar sua cultura tradicional. Os lugares míticos onde as práticas tradicionais podem continuar em torno das famílias. São os lugares, longe das reservas, que permitem uma renovação. Os jovens adultos desejam garantir alguma transmissão dos valores tradicionais para seus filhos. Obviamente a juventude autóctone pouco frequenta esses territórios, no entanto, estão fortemente ligados a eles.



Apesar desta ligação com a sua cultura, os jovens estão abertos a mudar. Eles desejam prosseguir os estudos para ocupar postos de trabalho, sempre que possível em seu meio de origem. No entanto, para retornar para as comunidades, os jovens acreditam que precisariam encontrar uma certa qualidade de vida. Entre os pontos negativos levantados, a escassez de empregos vem em primeiro lugar, mas também relatam o problema do consumo de drogas e álcool. Para as mulheres, a má qualidade da educação nas escolas em algumas comunidades é um aspecto problemático.

Os jovens atribuem uma grande importância ao seu meio de origem, que consideram como o primeiro lugar de construção de sua identidade. Os valores associados à família, à comunidade, ao território e a natureza são preocupações centrais dos jovens, que sentem que a transmissão desses valores parece bem difícil para as gerações futuras.

### **Considerações sobre a reconstrução da identidade autóctone**

Os jovens são orgulhosos da sua identidade e do pertencimento a sua cultura autóctone. Muitos também acham importante transmitir aos seus filhos esta cultura. Além das questões de línguas ancestrais e as práticas tradicionais cuja transmissão ainda é frágil, é o relacionamento com os membros da família que mais faz falta aos jovens que deixam sua comunidade. Assim, se eles encontrassem condições favoráveis nas reservas e comunidades, os jovens adultos retornariam para estarem mais perto de seus entes queridos.

O orgulho de ser autóctone, não fica dúvida, a partir das evidências coletadas. Por sua língua, a sua relação com a natureza e seus territórios, por seu status e pertencimento às nações autóctones, eles consideram-se principalmente como membros de culturas distintas. Neste contexto, a juventude autóctone do Québec se identifica primeiro com sua nação de origem antes de relatar seu pertencimento ao Québec ou Canadá.

A pesquisa realizada nos permitiu a construção de um olhar crítico sobre os territórios, especialmente o de origem, os universos culturais, os hábitos e valores de jovens autóctones das Primeiras Nações do Québec. Esses jovens buscam extrair o



melhor das tensões que vivenciam em seus cotidianos. Fica evidente que a situação de desenvolvimento econômico das comunidades autóctones deixa pouca esperança a esses jovens. Muitos constroem seu futuro longe das comunidades de origem, mesmo buscando perpetuar os valores da cultura autóctone nas cidades de destino. Essa é uma questão que coloca grandes desafios ao estado nação e aos povos autóctones tanto da província de Québec, como do Canadá e das Américas.

## Referências

AKOUN, André; ANSART; Pierre. *Dictionnaire de Sociologie*, Paris, Le Robert, Seuil, 1999.

AXTELL, J. *The European and the Indian. Essays in the Ethnohistory of Colonial North America*, Toronto : Oxford University Press, 1982.

BARTOLOMÉ, M.-A., (2006). *Los laberintos de la identidad. Procesos identitarios en las poblaciones indígenas*, Repéré à : <http://www.scielo.org.ar/pdf/ava/n9/n9a03.pdf>

BONTE, Pierre; IZARD, Miche (1991), *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*, Paris, Quadriga, Presses universitaires de France.

BRANDT, Grazielle. *Les jeunes acteurs du développement : étude comparative sur la migration des jeunes adultes dans les métropoles de Montréal (Québec-Canada) et Porto Alegre (RS-Brésil)*, thèse de doctorat, Université du Québec à Rimouski, 2010.

CASTEL, R. « La dynamique des processus de marginalisation ». *Cahiers de recherche sociologique* 22 : 11-28, 1994.

Clapier-Valladon, S., Pierre Mannoni. (1991) « Psychologie des relations interculturelles », dans Jean Poirier (dir.), *Histoire des mœurs, vol. III. Thèmes et systèmes culturels* : 540-597. Paris : Gallimard.

COLLIN, D. « Modernité et tradition dans le discours identitaire autochtone ». *Recherches sociographiques* XXXV(3) : 477-504, 1994.

COMMISSION ROYALE SUR LES PEUPLES AUTOCHTONES. *À l'aube d'un rapprochement. Points saillants du Rapport de la Commission royale sur les peuples autochtones*, vol. 3 et 7, Gouvernement du Canada, Ottawa. 1995. Accès en ligne : [http://www.collectionscanada.gc.ca/webarchives/20071115211319/http://www.ainc-inac.gc.ca/ch/rcap/sg/sgmm\\_f.html](http://www.collectionscanada.gc.ca/webarchives/20071115211319/http://www.ainc-inac.gc.ca/ch/rcap/sg/sgmm_f.html)

COUSINEAU-MOLLEN, M., NAPESS, I., VOLLANT, M. *Le Nouveau Cercle*, Rassemblement des Jeunes des Premières Nations du Québec et du Labrador, 2001.

CROTEAU, P. *Jeunes et Société: à propos sur la pauvreté, l'emploi, le féminisme, les communautés culturelles, les autochtones et la culture et les valeurs des jeunes au Québec*, Québec : Conseil permanent de la jeunesse, 1991.



DAROU, W.-G., KURTNESS J., Hum, A. « The Impact of Conducting Research with First Nation, » *Canadian Journal of Counselling/ Revue canadienne de counseling*, 34(1) : 43-54, 2000.

ENVIRONICS INSTITUTE, 2010 : *Urban Aboriginal Peoples Study. Main Report*. Disponible en ligne : <http://uaps.ca/wp-content/uploads/2010/03/UAPS-report-FRENCH.pdf>

ERIKSON, E.-H. *Adolescence et crise. La quête de l'identité*, Paris : Flammarion, 1972.

ESPAGNE, M., WERNER, M. (dir.). *Transferts: les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIII<sup>e</sup> et XIX<sup>e</sup> siècles)*. Paris : Éditions Recherche sur les Civilisations, 1988.

EVENO, S. *Le suicide et la mort chez les Mamit-Innuat*. Paris : L'Harmattan, 2003.

GAUTHIER, M., LEBLANC, P., CÔTÉ, S., DESCHENEAUX, F., GIRARD, C., LAFLAMME, C., Magnan, M.-O. et MOLGAT, M. (2006). *La migration des jeunes au Québec. Rapport national d'un sondage 2004-2005 auprès des 20-34 ans du Québec*. Québec : INRS Urbanisation, Culture et Société.

GAUTHIER, M. (dir.). (1997) : *Pourquoi partir? La migration des jeunes d'hier et d'aujourd'hui*. Québec : Les Éditions de l'IQRC (PUL), Collection Culture et Société, Presses de l'Université Laval.

GILL, L. (dir.). (1995) *De la Réserve à la ville: les Amérindiennes en milieu urbain au Québec*. Ottawa : Condition féminine Canada.

GIRARD, C., GAGNÉ, E. (1995). « Première alliance interculturelle. Rencontre entre Montagnais et Français à Tadoussac en 1603 ». *Recherches amérindiennes au Québec*, vol. XXV(3) : 3-15.

GIRARD, C., PERRON, N. (1995). *Histoire du Saguenay-Lac-Saint-Jean*. Québec : Les Éditions de l'IQRC, Presses de l'Université Laval.

GIRARD, C. (2003). « Identité et territoire chez les Innus de Mashteuiatsh. Réappropriation d'une culture ancestrale et dynamique de modernité », dans C. Girard, M.-A. Bourassa, G. Tremblay, *Identité et Territoire. Les Innus de Mashteuiatsh et la trappe au castor sur la rivière Péribonka* : 1-12. Chicoutimi : GRIR/UQAC.

GIRARD, C. (1997a). « Le choc des cultures dans le phénomène migratoire. Une étude de cas », dans M. Gauthier, (dir.). *Pourquoi partir? La migration des jeunes d'hier et d'aujourd'hui* : 257-274. Québec : Les Éditions de l'IQRC, Presses de l'Université Laval, Collection Culture et Société.

GIRARD, C. (1997b). *Culture et dynamique interculturelle. Trois femmes et trois hommes témoignent de leur vie*, Chicoutimi : Les Éditions JCL, Collection INTERCULTURE

GIRARD, C., Bourassa, M.-A., Tremblay, G. (2003). *Identité et Territoire. Les Innus de Mashteuiatsh et la trappe au castor sur la rivière Péribonka*. Chicoutimi : GRIR/UQAC.

GIRARD, C., Garneau, S., Fréchette, L. (2004). « On ne part jamais seul: espace et construction identitaire chez les jeunes migrants au Québec », dans P. LeBlanc, M. Molgat (dir.). *La migration des jeunes. Aux frontières de l'espace et du temps*. Québec : Les Presses de l'Université Laval et Les Éditions de l'INRS/Culture.





GIRARD, C., L.-N., A. (2009). « Les jeunes migrants autochtones au Québec. La marge comme espace de construction identitaire et culturelle », dans M. Gauthier & C. Laflamme (dir.). *Ancre de l'identité et lieux de participation*. Québec : Les Presses de l'Université Laval.

GIRARD, C., Lutumba-Ntetu, A. (2006). « Les jeunes migrants autochtones au Québec. Entre intégration et exclusion : la marge comme espace de construction identitaire et culturelle ». Université nationale autonome de Mexico (UNAM) et CAFAC, colloque international sur *Les jeunes adultes et les problèmes d'insertion* organisé en collaboration Québec-Mexico. publié en format CD, CAFAC-UNAM, 2009.

GIRARD, C., Leblanc, P., Fortin, V. et al, 2007 : *La migration des jeunes au Québec: résultats d'un sondage auprès des autochtones de 20-34 ans*. Québec : INRS-Culture et Société.

HOHBAN, L. (2009). *Profil de la population autochtone de 2006 pour Montréal*. Statistique Canada. Repéré à : <http://www.statcan.gc.ca/pub/89-638-x/2009002/article/11059-fra.htm>

Jaccoud, M. (1995). « L'exclusion sociale et les Autochtones ». *Lien social et politique*, RIAC, 34 : 93-100.

KURTNESS, J. (2007). (18 mai). *Traditions – Modernités et changements psychoculturels chez les Premières Nations d'Amérique du Nord*. Conférence, Université du Québec en Abitibi.

KURTNESS, J. (1983). *Les facteurs psychologiques des parcours de l'acculturation chez les Montagnais du Québec*. Université Laval, Québec : École de psychologie.

LAROSE, F. (1989). « L'environnement des réserves indiennes (au Québec) est-il pathogène? » *Revue québécoise de psychologie*, vol. 10(1) : 31-44.

Lartigue, F., Quesnel, A. (coord.). (2003). *Las dinámicas de la población indígena. Cuestiones y debates actuales en México*. Mexico : CIESAS, IRD, Miguel Angel Porrua.

LEBLANC, P., Girard, C., Côté, S., Potvin, D. (2003). « La migration des jeunes et le développement régional dans le croissant péri-nordique du Québec ». *Recherches sociographiques* XLIV (1) : 35-55.

LEBLANC, P. et Molgat, M. (dir.). (2004). *La migration des jeunes : aux frontières de l'espace et du temps*, Québec : Éditions de l'IQRC.

MAFFESOLI, M. (1997). *Du nomadisme. Vagabondage initiatique*. Paris : Édition Poche INÉDIT.

MARCIA, J.-E. (1966). « Development and validation of ego identity status ». *Journal of Personality and Social Psychology*, 3 : 551-558.

OEHMICHEN-BAZAN, C. (2003). « Procesos de integración en el espacio urbano. Indígenas en la ciudad de México », dans Lartigue, F., Quesnel, A. coord. *Las dinámicas de la población indígena. Cuestiones y debates actuales en México* : 265-281. CIESAS. Mexico : IRD, Miguel Angel Porrua.

PARAZELLI, M. (2002). *La rue attractive. Parcours et pratiques identitaires des jeunes de la rue*. Québec : Les Presses de l'Université du Québec.

PÉREZ-ISLAS, J.-A; VALEZ-GONZÁLES, M. (dir.). (2004). *Regard sur la jeunesse mexicaine*. Québec : Les Éditions de l'IQRC et Les Presses de l'Université Laval.



PÉREZ-ISLAS, J.-A., VALDEZ-GONZÁLES, M., Gauthier, M., Gravel, P.L. (dir.). (2003). *Mexico-Quebec. Nuevas Miradas sobre los Jovenes*. Mexico : Centro de Investigacion y Estudios sobre Juventud.

POIRIER, J. (1991). « De la tradition à la postmodernité: la machine à civiliser ». dans Jean Poirier (dir.), *Histoire des mœurs. Vol. III. Thèmes et systèmes culturels*. Paris : Gallimard.

RETSCHTZKI, J. et al. (1989). *La recherche interculturelle*. Paris : L'Harmattan.

ROY, B. (2002). *Sang sucré, pouvoirs codés et médecine amère. Diabète et processus de construction identitaire: les dimensions socio-politiques du diabète chez les Innus de Pessamit*. Québec : Thèse de doctorat, Université Laval.

ROY, F. (1993). *De la réserve à la ville: urbanisation montagnaise dans la région de Québec*. Québec : Mémoire de maîtrise, Université Laval.

SELIM, A. (1986). *L'identité culturelle: relations interethniques et problèmes d'acculturation*. Paris : Anthropos.

TODOROV, T. (1982). *La conquête de l'Amérique*. Paris : Seuil.

TURGEON, L., Delâge, D., OUELLET, R. (dir.). (1996) *Transferts culturels et métissages. Amérique/Europe (XVI<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècle)*. Québec : Les Presses de l'Université Laval.

Xiberras, M. (1993). *Les théories de l'exclusion*. Paris : Méridiens, Klincksieck.

YANEX, P., MOLINA, V., GONZÁLEZ, O. (dir.). (2006). *El triple desafío. Derechos, instituciones y políticas para la Ciudad pluricultural*. Universidad Autónoma de la Ciudad de México et Direction générale de Equidad y Desarrollo Social, Mexico. Disponible en ligne: <http://www.sideso.df.gob.mx/documentos/ETD1.pdf>